

**TRAGGO
TOY**

TRÈS ASSOBIDOS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Três Assobios

Tiago Toy

2013

O nome real é proibido mencionar, nem arrisque perguntar a idade. Nasceu por engano em uma cidadela no interior de SP. Já atuou, desenhou, dançou e cantou. Em 2009 foi pra capital em busca de seu destino com 50 reais e 30 mijos na mochila. Tem cicatrizes nos pés de tanto andar atrás de trabalho no início. Sempre que pode gruda na frente do notebook e passa horas escrevendo. Seu 1º livro surgiu por acaso há 2 anos – Terra Morta – e arrebanhou uma considerável e fervorosa legião de zumbis... Ops, fãs. Adora música, filmes, comer e dormir. Não gosta de barulho nem de pessoas efusivas. Tem certa dificuldade em dialogar conclusivamente... Na verdade, não gosta de dialogar.

Saiba mais em <http://terra-morta.blogspot.com.br/>

© 2013 Tiago Toy
Todos os direitos reservados

Edição: Tiago Toy

Capa: Tiago Toy

<http://terra-morta.blogspot.com.br/>

tiago.toy@hotmail.com

www.facebook.com/tiagotoy

twitter: @tiago_toy

O choque após fechar a contracapa do livro fazia os olhos negros de Diego permanecerem estalados. Recordava apenas de ter lido histórias com desfechos felizes. O bandido sempre era preso. O vampiro recebia a estacada no coração e a mocinha vivia livre com seu verdadeiro amor. O feiticeiro sucumbia à própria maldição. Mas dessa vez fora diferente. Diego leu novamente o último trecho do livro, se certificando de que entendera como terminara. Sim. O monstro saía vitorioso.

Aos poucos Diego voltava a respirar. Quando se aventurava em seus livros, a entrega era total. Esquecia tudo a sua volta. A cada palavra lida, mais próximo chegava ao mundo imaginário que criava em sua mente. Não importava se era um mundo dominado por forças do mal, com criaturas sombrias a espreita. Ele queria desvendá-lo. Explorar os mais assustadores castelos, percorrer florestas sem saída. Os calafrios que deslizavam pela espinha iam e vinham todo o tempo, mas a ânsia por chegar ao final e ver que o mal nunca vence era maior. Por isso ainda não acreditava em como o livro terminara. Estava, definitivamente, em sua lista de único livro preterido.

Ainda que o tivesse odiado, Diego depositou o livro sob o braço com todo o cuidado para que ele não sofresse um possível acidente. Naquele lugar um simples deslize seria o suficiente para que algo ruim acontecesse. Um pedaço gorduroso de carne ou um copo de cerveja poderia virar sobre o papel. Qualquer uma das opções faria um belo estrago ao presente de aniversário que Diego implorara aos pais. Eles preferiam comprar roupas ou sapatos novos, mas o garoto de onze anos batera o pé tão forte que eles acabaram cedendo.

Diego era diferente da maioria dos meninos de sua idade. Enquanto a rua da frente de sua casa era dominada por pouco mais de uma dezena de crianças todas as tardes, onde jogavam futebol ou brincavam de pega-pega, Diego permanecia enclausurado em seu quarto. E não por ser rejeitado pelos amigos. Pelo contrário, Diego preferia assim. Após ter lido tantos livros e imaginado as mais diversas aventuras, era considerado pelas outras crianças o melhor *inventador* de brincadeiras. As raras vezes em que aceitava os convites para brincar era o responsável por escolher o jogo do dia. Nada de futebol, tampouco pega-pega. Diego fazia questão de incrementar as brincadeiras com detalhes que só poderiam vir de sua

mente fértil. O pegador não podia correr atrás de suas vítimas, apenas andar com um pé arrastando, como um monstro do pântano, enquanto os fugitivos andavam devagar, como que enfeitiçados. Ou desenhava mapas e deixava pistas na praça central do bairro, onde escondia o tesouro na marca x. Diego era mestre em criar esse tipo de diversão. Porém, não fazia questão.

Passara as melhores tardes que conseguia lembrar em seu quarto, cercado por gibis e livros. Já batera o recorde pessoal de ler três livros em um só dia. O prêmio fora ler mais um durante boa parte da madrugada, o máximo que aguentara. A mãe vivia repreendendo-o, orientando para que ele não lesse até tão tarde, mas Diego não escutava. Mesmo com fortes dores de cabeça, ele permanecia com os olhos cravados nas letrinhas, ignorando a enxaqueca. Fora levado a dois exames de *eletro* e os médicos diziam que ele não tinha nada. O único “problema” era gostar tanto de ler. Passavam remédios para quando a dor atacasse, e um novo problema surgia. O de Diego contar quando sentisse as dores. Sabia que, assim que comunicasse à mãe, ela o medicaria e o mandaria dormir. Então se esforçava para não demonstrar qualquer desconforto e continuava as leituras. E assim eram seus dias. Solitário e, ao mesmo tempo, rodeado por personagens dos mais variados tipos.

Diego evitava estar cercado por gente real. Não dizia, mas achava os tios, primos, e, em algumas vezes, os próprios pais, criaturas sem graça, desinteressantes. Não se comparavam aos amigos que fizera nos livros. Essa noite, porém, não conseguira se livrar da tortura. Fora arrastado contra sua vontade para o churrasco na casa de um casal de amigos de seus pais que ele nem fez questão de cumprimentar quando chegou. O lugar estava tomado por crianças barulhentas e adultos bêbados. Todos gritavam em meio à música alta, gargalhadas e correria. Diego até conseguiu se distrair enquanto terminava o livro, mas agora estava sem o que fazer. Olhava de um lado para outro em busca de um canto silencioso. Concluiu que devia ter trazido mais de um livro. Há um bom tempo que adquirira a habilidade de ler mais rápido.

Nessa busca por paz, seus olhos encontraram outros olhos, miúdos atrás de lentes de um óculos de armação bege. Uma senhora no meio da bagunça. Divertia-se com a música e com um copinho de cerveja na mão enrugada, mas deixou alguém falando sozinho e veio ao encontro do neto

predileto. Sentou-se com aquela expressão de “Está tudo bem?” e, deixando o copo aos pés da cadeira, juntou as mãos entre os joelhos e pendeu a cabeça sobre o ombro direito.

- *Não está se divertindo?* – perguntou, a voz rouca e baixa, e ainda assim doce.

Diego contorceu a boca em uma careta e encarou os olhos da avó, claramente *alta* devido o álcool, mas sempre sob controle de suas ações. Ela subentendeu como um não e continuou.

- *Qual livro dessa vez?*

Os dedos de unhas grandes e amareladas receberam o tomo das mãos do neto. Ela olhou girou o livro e passou rapidamente os olhos pela sinopse na parte detrás. Um sorriso formou-se na boca murcha.

- *Eu já li esse.* – ela pegou novamente o copo do chão, enquanto Diego se preparava para salvá-lo caso a bebida entornasse. – *Gostou?*

Diego não era muito de conversas. Em sua mente criava conversas e respostas para várias e inusitadas situações que nunca aconteciam. Na vida real, porém, era bem calado. Por fim, após relembrar com uma estranha sensação em seu peito o desfecho do livro, visualizou o brilho nos olhos da única avó.

- *Eu não sei. De todos os livros que conheço, nunca vi um final tão...*

As palavras fugiram.

- *Triste?* – ela completou.

Diego confirmou com um aceno, o olhar desconsolado, e desabafou.

- *Livros foram feitos para nos levar a outros lugares, lugares que nunca conheceríamos, lugares que nem existem, mas que podemos visitar enquanto lemos sobre. Quando leio, busco me sentir bem, sabe? Gosto dos vilões. Sem eles a maioria das histórias não teria fundamento. Mas... Eles são vilões. Eles foram feitos para serem derrotados. E não foi o que aconteceu.*

A expressão da senhora era um desejo reprimido de rir.

- *Nem sempre, querido. Pode ter sido seu primeiro livro com final, hum, diferente, mas te garanto que não é o único. Não são todos que merecem o “felizes para sempre”. E nem todo vilão merece fracassar. Muitos vilões são chamados de vilões apenas porque os mocinhos existem. Caso contrário, poderiam muito bem ser os mocinhos também. E, nesse caso, quem garante que o mocinho merece a vitória?*

A expressão de choque de Diego transformou-se em total incredulidade. Ele entendera perfeitamente o que a avó estava dizendo, mas não conseguia assimilar, pensar em um exemplo.

- *Mas vó... – o menino pensou por um tempo, como se formulasse a pergunta antes de fazê-la, e continuou. – Nisso não se encaixariam as escolhas boas e ruins? Digo, se um suposto mocinho está bem, então aparece o novo mocinho e faz algo que torna o primeiro mocinho um vilão, então o primeiro mocinho fez uma má escolha, o que resulta nele se tornando o vilão. Então, mesmo que ele tenha sido o primeiro mocinho, ele fez sua escolha. Se agora ele é chamado de vilão, então ele está do lado do mal. E o mal não pode vencer.*

- *A justiça nem sempre é justa, meu neto.*

Diego percebeu a avó um tanto zonzona. Não sabia se devido à bebida ou à sua longa argumentação. Assistiu-a levar o copo aos lábios e dar um último gole, um discreto fio da bebida amarelada descendo por entre as rugas. Limpando a boca com as costas da mão, ela mudou de assunto.

- *Você sabe que a vovó já viveu suas próprias histórias, certo?*

- *Sei sim, vó. A do lobisomem, do velho que virava cavalo, do tronco de árvore que, na verdade, era uma menina...*

Diego tinha verdadeira adoração pela avó. Verdadeiras ou não, ela contava as melhores histórias que ele já ouvira. E o melhor de tudo era o fato de serem histórias reais, segundo ela. Causos acontecidos em sua infância e juventude. A avó era espírita e tinha um dom. Ela conversava com espíritos. Havia um em especial que Diego adorava. Seu nome era Paulinho. Era o guia protetor da família. A avó contara sua história várias vezes. Não por Diego esquecer. Ele nunca esquecia detalhes de histórias interessantes. Ele gostava de ouvi-la contar, por isso sempre perguntava. E ela não parecia se incomodar em repetir, sempre contando como se fosse a primeira vez.

Paulinho vivera há muitos anos com sua família, composta por mãe, irmã e pai. Esse último poderia ser desconsiderado, pois, apesar de possuir muito dinheiro, preferia gastá-lo com putas, jogos e bebidas. A mãe precisava se sacrificar todos os dias em busca de trabalhos esporádicos, como passar roupa de uma vizinha, ou limpar a casa de outra. Os menores, indefesos diante da triste situação, faziam apenas lamentar as costumeiras lágrimas da querida mãe e temer a violência com que o homem, o qual

não conseguiam chamar de pai, destruía os móveis e agredia a mulher. Os abusos caminharam por longos anos, até que a mãe, cansada e doente, faleceu. Para a infelicidade plena de Paulinho, sua irmã, também bastante debilitada, contraíra alguma estranha infecção após o óbito da mãe e, sem os devidos cuidados do negligente genitor, não resistira, acompanhando a mãe para onde quer que ela tivesse ido.

Paulinho, ciente de que teria o mesmo fim, e não suportando mais olhar nos olhos frios daquele homem que, apesar de ter conhecido desde seu nascimento, não conseguia entender sua frieza sem sentido, fugiu de casa. Sem conhecer ninguém e, conseqüentemente, sem ter a quem recorrer por socorro, o menino vagou pelas ruas por muito tempo e acabou tornando-se um mendigo. Vivia de esmolas e a pouca comida que ou encontrava no lixo ou recebia das raras exceções de solidariedade que cruzavam seu caminho em seus escassos momentos de sorte.

Um dia, porém, um homem o conheceu e, sem explicar o motivo, acolheu Paulinho e cuidou dele, como a um filho. O menino nunca havia sido tratado daquela maneira por alguém, exceto pela mãe. Nunca conhecera uma figura paterna. Apesar de estar se alimentando bem e recuperando a saúde, não conseguia deixar de lembrar dos traumas e chorava todas as noites. O homem não sabia o que fazer. Não o incomodava, mas seu coração espremia-se no peito a cada lua que surgia. Tentava conversar com Paulinho, e o menino dizia sempre a mesma coisa. Morreria e se tornaria um espírito do mal, e seu pai natural seria castigado. Contudo, fazia também o bem. O homem tomava as palavras como delírios e recolhia-se, ainda ouvindo os lamentos do infeliz no quarto ao lado. Mais algumas noites se passaram e, numa triste manhã chuvosa encontrou o menino morto de tristeza.

Providenciou o funeral, onde apenas ele mesmo compareceu e orou pela alma do pobre garoto durante um dia inteiro. Nunca saberia que, na semana seguinte, o pai de Paulinho morreria de uma maneira estúpida, prensado contra um carro que, inexplicavelmente, tivera o freio de mão solto enquanto estacionado e, descendo uma ladeira em velocidade livre, dera ao cruel homem o fim merecido.

Diego conhecia a história e empatizava com Paulinho. Os pais nunca deixaram faltar-lhe nada e, apesar de não serem ricos, davam o que podiam. Raramente um pedido de Diego não era atendido. Pudera, sempre

escolhia livros como presentes. Eram carinhosos e atenciosos. Diego não se lembrava de ter sido educado a tapas ou castigos. Era sempre uma boa conversa que o fazia ver o que era certo ou errado.

A avó abaixou o torso, deixando o rosto próximo do ouvido de Diego, e cochichou.

- *Já contei a história do Saci?*

Diego obviamente conhecia a história do negrinho pernetá, mas sabia que, vindo de sua avó, não era a mesma contada na escola. Sentiu a palpitação mais forte no coração, a mesma de quando estava prestes a abrir um livro desconhecido.

- *A senhora já viu o Saci?*

Ela esperou dois meninos passarem, em seus sete ou oito anos, brincando de aviões em guerra e quase derrubando as garrafas de cerveja e refrigerante sobre a mesa. A provável mãe de um deles foi atrás, pronta para acabar com a diversão dos pequenos. A velha falou baixo, mas alto o suficiente para que Diego escutasse, os ouvidos atentos.

- *Quando eu tinha meus nove anos, eu vi o Saci. – ela vislumbrou o brilho no olhar do neto, ávido por sentir o gostosa e costumeira sensação de medo. – Estávamos eu e a filha da dona Gertrudes, a Alicinha. Era época de festas juninas e estávamos na rua ao lado de onde a vizinhança festejava. Eu estava contando sobre o lobisomem e outras criaturas que apareciam naquela época. Ela caçoou, como qualquer criança faria, mas o fez no momento errado. Ele estava lá. No quintal de uma casa abandonada. Assombrada.*

- *Assombrada?* – Diego arregalava cada vez mais os olhos.

- *Sim. Era assombrada. Eu vi alguns fantasmas. Nunca entrei, mas os via me encarando pelas janelas, tristes. Não permaneciam por muito tempo, sempre sumiam, mas todas as vezes em que eu passava ali eles estavam nas janelas. – A senhora pigarreou e engoliu, voltando-se ao garoto. – Nessa noite, eu já o havia visto e pretendia mostrá-lo a Alicinha, mas eles não gostam de quem não acredita em sua existência. Quando eu ia falar sobre o Saci e ela duvidou, bastou. Ele sumira de onde estava, sob um grande carvalho. Eu avisei que ela não devia ter feito aquilo, mas ela continuou caçoando e voltou à festa. Eu fiquei por um tempo esperando ele voltar.*

- *E ele voltou?*

- *Não.*

A expressão de Diego mudara para algo semelhante a decepção. Não era o desfecho que ele esperava. Diego estava tão vidrado no relato que nem percebeu a roda de crianças que se formara enquanto a história era contada. A senhora gostava de receber atenção, então continuou.

- *Quer chamar o Saci?*

De repente não havia mais nada ao redor. Música, bagunça, nada. Diego só ouvia o latejar em sua cabeça, a adrenalina que sentira poucas vezes. Enquanto a criançada murmurava entre si se era verdade ou não, Diego pulou da cadeira.

- *Quero!*



A casa ficava em um bairro no extremo da cidade. De um lado o canal estendia-se até onde a vista não alcançava. Do outro, no fim da rua e bem próximo à casa, uma das últimas do quarteirão, havia um descampado que terminava em um riacho, e do outro lado a grama alta estendia-se até um casebre adormecido sob a luz da lua, com vacas ao redor, algumas ainda acordadas, andando lentamente na escuridão. O asfalto dava continuidade a uma estrada de terra que levava a outro bairro, impossível de ver na escuridão da noite, iluminada apenas pelos poucos postes elétricos da ruela.

Diego segurava a mão da avó, excitado com o que estava prestes a fazer. Acreditava piamente que veria o Saci, assim como acreditava nas histórias que a avó contava. As crianças os seguiram até o portão, mas não ultrapassaram o meio-fio. Eram curiosas, porém o medo falava mais alto. Uma menina, a menor, correrá de volta ao churrasco, aos prantos, quando avó e neto caminharam em direção ao local mais apropriado, segundo a velha. A ponte.

Diego não se incomodava com o frio noturno, nem com os mosquitos que vieram em ataque assim que se aproximaram do riacho. Ele só queria ver o Saci. O mais próximo que chegara de criaturas fantásticas fora em sonhos, e a mais remota possibilidade de vê-las, em carne e osso, era algo indescritível. Sentia um misto de medo, alegria e ansiedade. Tudo junto e misturado.

- *Presta atenção em como você deve chamá-lo.* – Diego ouve atentamente às simples instruções passadas por sua avó.

Segundo ela, é preciso chamar o Saci três vezes pelo nome, cada chamada seguida de um assobio, bater o pé direito também três vezes e firmar o pensamento no negrinho.

- *Mas, vó... Eu não sei assobiar.*

- *Não se preocupe.* – ela reprime um discreto sorriso. – *Bata os pés e o chame. Deixe os três assobios comigo.*

Diego engole em seco antes de chamá-lo pela primeira vez.

- *Saci.*

E bate o pé na madeira quebradiça da ponte. A certeza de querer vê-lo se esvai, então ele olha para a avó, os olhos tensos. Ela o encoraja com um sorriso enigmático. Sentindo a pele arrepiar-se, continua.

- *Saci.*

Leva um tempo maior, mas novamente bate o pé. Ouve algo caindo na água sob a ponte. Girando rapidamente a cabeça, olha ao redor. Um sapo coxa próximo, escondido nos arbustos escuros ao lado da ponte.

O garoto respira pesadamente, sentindo as palmas das mãos suadas. Enxuga-as na lateral da calça jeans e abre os lábios, preparando-se pra chamá-lo pela terceira vez. Os dentes batem quando ele diz o nome mais uma vez.

- *Saci.*

A última batida de pé é mais forte, ecoando em um som assustador. Diego pensa em perguntar a avó onde ele está, mas decide procurar por um tempo, em meio à vegetação alta que circunda o arame farpado ao redor do pequeno sítio onde uma vaca encara os estranhos na ponte. O menino sente as mãos trêmulas e pensa que vai ter um infarto quando ouve a voz da avó.

- *Ali, Diego.*

Numa inspirada, ele olha para onde a velha indica. Há um muro parcialmente demolido, dando passagem a um terreno baldio com um galpão abandonado. É impossível distinguir qualquer coisa em meio à escuridão. Então, Diego percebe algo se movendo. Pode ser o vento balançando os arbustos, ou algum animal qualquer. Firmando o olhar, e forçando-se a não sair correndo, ele expira o ar quente. Quando a vista se acostuma ao breu, ele consegue notar uma forma destacada.

- *Diego!*

Avó e neto viram-se num pulo, o grito reprimido. A mãe de Diego está sob o poste ao lado da casa, as mãos na cintura, e nada contente.

- *O que você tá fazendo aí?* – ela grita mais uma vez. – *Vem já pra cá!*

Diego volta-se ao outro lado e vê algo ainda imóvel no escuro. Encara a avó, tentando não demonstrar o medo.

- *É ele, vó?*

Ela olha mais uma vez para o lado do muro caído e, após alguns segundos, volta por onde veio, segurando a mão do neto.

- *Vamos. Sua mãe está brava.* – E, enquanto rumam de volta, a avó cochicha pelo canto da boca. – *Antes de irmos embora, me lembre de te ensinar a assobiar pra manter as criaturas más longe.*

- *Ele é mau?* – Diego não disfarça a surpresa, ouvindo a mãe gritando do portão.

- *Mãe, eu já disse que não é pra contar essas histórias pro Diego! A senhora sabe como ele fica impressionado.*

- *Eu sei, Lourdes* – ela responde, mesmo agindo da maneira contrário ao requerido diversas vezes pela filha. Ela sabe sim que o neto se assusta com suas histórias, mas sabe também que ele as adora. Olhando para o garoto, continua. – *Outra hora a vovó conta mais histórias.*

Diante da promessa, Diego quase esquece o ocorrido há pouco. Olha mais uma vez pra trás, mas só vê a trilha escura após a ponte. Pensa em insistir com a avó sobre o Saci, mas o olhar da mãe, as mãos na cintura, cerradas, intimida. Então ele passa de fininho, ignora a garotinha com os olhos vermelhos, encostada do lado de dentro do portão, e volta ao entediante churrasco.



Após longos dez minutos olhando para o teto, Diego não aguentava mais a barulheira que os adultos faziam. Não entendia como eles conseguiam falar tão alto. Não seria mais fácil desligar aquela música horrível? Assim não precisariam gritar. E, mais ainda, não entendia como eles pareciam tão felizes em meio à bagunça. Aquele mundo, definitivamente, não era pra ele.

Olhando sobre o ombro ele estranhou a ausência das crianças. Após voltar com sua avó, elas haviam sumido. Desconfiado, e sem saber por

que, decidiu se aventurar pela casa. Afinal, não conseguiria nada mais interessante do que ficar ali, postado por horas, assistindo ao caos irritante. Passou pela cozinha e pegou um pouco do refrigerante que estava sobre a mesa. Mal deu o primeiro gole e ouviu cochichos infantis vindos da sala, no fim do corredor escuro. Abandonou o copo de plástico cheio e seguiu rumo ao som. À medida que se aproximava, avistou a sala envolta em uma luz azulada e um som de suspense invadia pelo corredor. Assim que alcançou onde as crianças estavam, sentadas no tapete, os olhos arregalados, paralisou. Sua atenção foi fisgada instantaneamente ao ver o rapaz, iluminado apenas por uma vela, abrindo um caixão em uma sala envolta pela penumbra.

Se havia algo que Diego gostava tanto quanto ler era assistir filmes de terror. Esse parecia ser um. E dos bons. Sem perceber, ele sentou no braço do sofá de couro e nem percebeu o olhar tímido da garotinha que havia dedurado a ele e sua avó. O que via na TV era muito mais interessante. Sequer piscava, enquanto a boca abria-se lentamente, o queixo caindo. No filme, o rapaz procurava algo. Não encontrara dentro do caixão, pois fechou-o e, novamente, a música de suspense que fez o coração de Diego palpitar mais rápido surgiu. Assistiu o rapaz verificar um corredor, tomado pelas sombras, depois encontrar uma bacia no meio da sala e, em seguida, uma corda que levava a um buraco no teto. Diego e as crianças quase enfartaram quando o rapaz assustou-se com um som vindo do corredor, seguido de uma sombra passando contra a iluminação que invadia de uma janela. Um som áspero, inumano. Com certeza o monstro do filme.

Diego só não riu quando a garotinha fofoqueira levantou aos tropeços e disparou pelo corredor, aos gritos, pois as crianças não paravam de falar. E se havia algo que o incomodava eram pessoas falando enquanto ele assistia um filme. Tentou bufar por menos de um minuto, tempo suficiente para perder a paciência e chegar à conclusão de que não conseguiria ver o filme em paz. Aproveitando que o intervalo começara, correu de volta ao churrasco e localizou seu pai na churrasqueira, virando um espeto.

- *Pai, me leva embora?*

O pai bebeu um gole de cerveja e continuou girando o espeto, as asas de frango passadas do ponto.

- *Por quê?*

Diego odiava ter que dar satisfação de tudo. Qual era a dificuldade em seu pai atendê-lo sem questionar? Esforçando-se para ser educado, ansioso demais, suplicou.

- *Quero dormir. Já me deu sono.* – Ele simula um bocejo, encarando os olhos do pai, que o observa desconfiado.

- *Dorme aqui mesmo. Espera um minuto. Vou pedir o quarto empres...*

- *Não!* – De relance, Diego observa o relógio pendurado na parede da cozinha. O filme não tardaria a voltar. – *Eu não quero dormir na cama dos outros! Eu quero ir pra casa.*

Assim como batia o pé quando insistia que queria livros de presente, seu pai sabia que ele o faria passar vergonha se não o levasse embora. Não era a primeira vez que o menino fazia isso.

- *Tudo bem!* – Mais um gole e chamou um de seus amigos para cuidar da churrasqueira. Com uma expressão nada animada, pegou a chave do carro com a esposa, que a entregou após uma silenciosa discussão, e chamou o filho.

- *Vamos!*

De repente, Diego lembrou-se do que sua avó dissera quando voltavam da ponte e parou, olhando ao redor.

- *Pai, espera eu falar com...*

- *Se você quer ir pra casa, vamos agora!*

Diego decidiu não dizer o que pensara em responder por dois motivos. Educação e amor aos dentes. Procurou mais uma vez pela avó, mas não a via. Com medo de perder a carona, seguiu seu pai até o carro.



Após pegar os lanches no microondas e a caneca de refrigerante sobre a bancada de mármore, Diego correu à sala e atirou-se no sofá. Felizmente o intervalo, naquela emissora, era mais longo do que o normal, então ele conseguiu pegar a segunda parte segundos antes de começar.

Sua vontade era apagar as luzes para dar todo o clima de suspense, mas ele sabia que sua imaginação era fértil o bastante para, possivelmente, ver coisas que não existem. Ainda mais enquanto assiste um filme de terror, à noite, sozinho. Dava-se por satisfeito de estar em silêncio, sem crianças chatas para perturbá-lo.

O filme chamava-se “O inominável”. Até aquele momento tudo o que vira não passava de jovens invadindo uma casa abandonada. Perguntava-se o que era o tal inominável. Um vampiro? Lobisomem? A ansiedade crescia conforme a história desenrolava-se.



Diego estava sentado com as pernas cruzadas sobre as almofadas, e não conseguia mover um músculo para desligar a TV. O filme terminara há alguns minutos e ele ainda estava ali, com o mesmo medo que sentia após todos os filmes de monstro que assistia. Queria alcançar o controle remoto sobre a mesa de centro, mas os membros não respondiam. Apenas respirava forte e acompanhava o jornal da madrugada. As notícias passavam e ele apenas via imagens indo e vindo na tela, enquanto olhava para os lados, sentindo olhos em alguma parte, observando-o, ocultos.

O barulho do portão encorajou Diego a levantar-se correndo, suspirando aliviado, e correr até a porta, apertando o interruptor para que os pais pudessem entrar mais facilmente. A luz invadiu pelo vitrô e ele, sorrindo, girou a maçaneta e saiu, a brisa fria da noite invadindo a casa. A primeira sensação que tomou conta de Diego foi um nó na garganta e um estranho frio da barriga no momento em que ele percebeu que se equivocara. O portão devia ter sido balançado pelo vento, ou qualquer outra coisa. Não por seus pais. Instintivamente, ele volta para dentro, de costas, e fecha a porta. Olha ao redor, ainda impressionado com o filme, como se o inominável fosse pular a qualquer instante. Sentindo as pernas tremerem, Diego corre até seu quarto e tranca-se, acendendo a luz e pulando sobre a cama. Abraçado em seu travesseiro, lembra-se das vezes em que acontecera exatamente a mesma coisa. Era terminar de ler ou assistir uma história de terror e lá estava ele, quase morrendo de medo por horas a fio, até que adormecia. Decidido a não passar a noite temendo algo que não aconteceria, largou o travesseiro e, uma engolida em seco, foi até o guarda-roupa.

Lá estava sua inestimável coleção de livros. Seu maior tesouro. Já lera cada um deles, alguns até mais de duas vezes, e sabia que ali, em alguma parte, havia um ainda virgem. Por sorte esse não era assustador. Pelo menos o pensava assim, uma vez que a sinopse dizia tratar-se de elfos e dragões. O que Diego menos queria naquele momento era ler sobre

fantasmas ou qualquer outro tipo de monstro. Bastavam os calafrios que deslizavam incessantemente pela espinha. A sensação desconfortável era tanta que ele demorou a notar que o livro que procurava estava embaixo de seu nariz. Pegou-o e correu de volta à cama. Gostava de ler enquanto mastigava qualquer coisa, mas decidiu que não estava com tanta fome assim.

Mal virou a página do índice, escutou algo. Um som abafado que vinha do lado de fora. Olhou devagar em direção à janela, centímetros acima de sua cabeça, e aguardou, sem respirar. Silêncio. Olhou de um canto a outro, sem mover a cabeça, e quando concluiu que não era nada de mais, ouviu novamente. Mais próximo da janela. Por alguns segundos tentou imaginar a que o som assemelhava-se. Um som rápido. Mais uma vez, e sentiu a janela movendo-se, sem emitir qualquer barulho. Como se o vento a forçasse. A pele arrepiava-se de cima a baixo. Não precisava saber, mas sentia que era observado. Naquele instante arrependeu-se amargamente de não ter ficado no churrasco.

Pulou da cama e disparou pelo corredor escuro, ouvindo a janela mover-se. Alcançou o quarto principal, acendeu a luz e girou a chave. Passou sobre a alta cama de casal e tirou o telefone do gancho. Teve que discar duas vezes, pois tremia tanto que não conseguia apertar os botões certos. Quando conseguiu, apertou forte o telefone com as mãos trêmulas e esperou, a respiração pesada saindo pela boca.

- *Alô?*

Diego sentiu um misto de alívio e desapontamento ao ouvir a voz infantil do outro lado. Uma garotinha.

- *Chama meu pai!* – Diego não conseguia acalmar-se. Quando os pais o ouvissem daquela maneira, viriam correndo.

- *Quem é?*

Maldição! Eles deviam estar tão bêbados que nem perceberam que o celular havia sido pego por uma criança.

- *Chama meus pais agora! Tem alguma coisa aqui!*

A menina disse algo longe do fone e Diego pode ouvir mais crianças, rindo do comentário, o qual não entendeu. Em seguida, a vizinha voltou.

- *Você não queria ver o Saci?* – a voz era acusadora. Inocentemente cruel. – *Então veja!*

Diego ouviu as crianças rindo antes da ligação cair, e só não gritou pois não queria chamar atenção para onde estava. Mais uma vez discou o número dos pais, mas dava sinal de ocupado. Aquela peste!

Dentro da única gaveta do criado-mudo encontrou a agenda da mãe. Sabia que o telefone da casa de Dora estava anotado ali. Tremia tanto que virar as páginas era a tarefa mais impossível do mundo. Sentiu o dedo cortando em uma folha, uma gota de sangue respingando em um contato qualquer. Os músculos travaram no instante em que ouviu o mesmo som abafado, agora dentro de casa. Sem saber o porquê, correu até o interruptor e apagou a luz. No escuro, deslizou pra debaixo da cama e ali permaneceu, a barriga de encontro ao piso frio. A única coisa que conseguia ver era a fresta da porta, por onde a luz de seu quarto invadia fracamente. Respirava sem fazer barulho, as têmporas latejando, os dentes travados. Tentava ouvir algo, silêncio total exceto pelo coração acelerado. Então o som novamente. Duas vezes. Quando viu algo passando pela luz não esperou. Saiu debaixo da cama e, agora sobre ela, abriu a janela, sem preocupar-se em ser silencioso, e pulou.

As pedrinhas sob os pés descalços machucavam, mas o medo falava mais alto. Diego queria estar longe dali o mais rápido possível. No momento em que fechou a janela, ouviu um pio melancólico. A impressão era de que o som vinha de várias partes, impossibilitando sua localização. Também não fazia ideia do que o estava emitindo. Decidido a ignorar qualquer distração, seguiu até o outro lado da casa, chegando a uma passagem cercada por algumas árvores e o enorme jardim que a mãe adorava cultivar. Brincara diversas vezes entre aqueles arbustos, horas intermináveis de diversão. Agora não via nada além de perigo. O vento balançava lentamente as folhas, como se houvesse um monstro sob os arbustos. Nunca precisou de tanta força como precisara para mover as pernas. Pareciam pesar uma tonelada cada. Caminhou com esforço por poucos metros em direção à frente da casa. Sentia os pés arrastando-se e guiava-se apenas pela luz que emanava do poste elétrico, do outro lado do muro. Reuniu forças e apertou o passo, conseguindo caminhar um pouco mais rápido. Pouco tempo e estava correndo, vislumbrando olhos observando-o em meio às sombras. Sentia estar sendo perseguido.

Reprimiu um grito de vitória ao alcançar o portão. Tentou abrir pelo trinco, mas estava trancado. O pai levava a chave, claro. Continuou

forçando-o, não aceitando ser impossível abri-lo. Tomado pelo desespero, cravou os dedos em uma das brechas laterais e sacudiu-o com força. Chorava, ignorando a dor nos dedos. Algo o induziu a olhar pra trás. O jardim encontrava-se em uma dança macabra, a brisa conduzindo a melodia infernal. Por entre as plantas Diego viu uma figura aproximando-se pelo mesmo caminho d'onde veio, aos pulos. Novamente o vislumbre de olhos. Vermelhos. Diego lembrou-se do que a avó dissera. Tentou assobiar, mas conseguiu apenas um sopro com saliva sendo disparada. Abandonou o portão e gritou mais uma vez, apoiando o pé em uma rachadura no muro e subindo na caixa de energia elétrica. Ignorou as farpas entrando nas palmas e forçou a subida, ouvindo uma sinistra risadinha infantil chegando perto. Conseguiu avistar a rua ao alcançar o alto do muro. Estava na penumbra, deserta. Não importava-se se era alto demais, pularia. Apoiou-se sobre a caixa e passou o braço sobre o muro, mas foi detido. Os olhos arregalados, o grito reprimido. Puxou o pé, mas esse não vinha. Assoprou três vezes, chorando.

A lâmpada do poste apagou.



O carro derrapou pelo meio-fio. Antes que estivesse completamente estacionado, a porta do carona foi abruptamente aberta, de onde saltou a mãe de Diego. O tumulto ao redor de sua casa apenas a angustiava mais. Vizinhos, uma ambulância, e viaturas. Do banco de trás, a avó saiu, observando a vizinha que ligou avisando correndo até a filha e conversando com ela, também chorando. Antes que os policiais pudessem detê-las, entraram na casa. Os ossos velhos da idosa tremeram quando ouviu o grito. Não esperou o genro desligar o carro e disparou, desvencilhando-se de um policial e invadindo pelo portão.

Demorou a perceber o que acontecera. Não havia iluminação decente, pois a caixa de energia explodira. Uma lanterna iluminou e foi possível ver a marca negra cobrindo boa parte do muro chamuscado. Sob o que restara da caixa a filha chorava descontroladamente. Só entendeu o motivo quando ela desmaiou e alguns policiais se aproximaram. Três passos foram o suficiente para ver o que restara de seu amado neto. A perna direita, até a altura da coxa, com o pé preso em um arame que saía de um buraco no muro. Estava intacta.

Os olhos miúdos atrás das lentes dos óculos umedeceram enquanto a avó ouvia uma risadinha sinistra no fundo de suas memórias.